

"CONCEIÇÃO"; EXERCÍCIO DE ANÁLISE SÊMIO-NARRATIVA
E SÊMIO-DISCURSIVA

Luiz Tatit

Luiz Tatit

'Corpus':

"Conceição" de Jair Amorim e Dunga (1956)

Conceição

(Eu me lembro muito bem)

Vivia no morro a sonhar

Com coisas que o morro não tem.

Foi então

Que lá em cima apareceu

Alguém que lhe disse a sorrir

Que, descendo à cidade, ela iria subir

Se subiu

Ninguém sabe, ninguém viu

Pois hoje o seu nome mudou

E estranhos caminhos pisou

Só eu sei

Que, tentando a subida, desceu,

E agora daria um milhão

Para ser outra vez Conceição

¹ A SEGMENTAÇÃO DO TEXTO

V

Uma segmentação natural já vem proposta pelo enunciador nas quatro estrofes de nosso texto-objeto Chamam nos a atenção, no entanto, outros níveis de segmentação ligados principalmente à aspectualização e à distribuição espacial das cenas deste relato Convém revelá-los no sentido de detectar mecanismos iminentes à segmentação natural e, ao mesmo tempo, indicar, numa primeira leitura -geral, algumas posições enunciativas (actancial, espacial e temporal) demarcatórias da sintaxe discursiva

Assim sendo, podemos assinalar que um actante performancial "Conceição" e um actante observador "Eu" são imediatamente desembreados do enunciador marcando dois tempos-espacos distintos e hierarquizados Em outras palavras, uma desembreadagem enunciativa introduz o sujeito do fazer que pressupõe um sujeito cognitivo (resultante de desembreadagem enunciativa) responsável pela disseminação dos semas aspectuais no texto e pela transformação em processo de seus programas narrativos (PNs)

Temos, portanto, a situação de enunciação restituída pelos simulacros de tempo (presente) e pessoa (primeira) em dois versos ("Eu me lembro muito bem" e "Só eu sei") e, no restante, o texto enuncivo propriamente dito, onde se desenrola o percurso do sujeito do /fazer/

Desta primeira divisão, muito ampla, entre o que podemos chamar de texto enunciativo e texto enuncivo, parece-nos útil nuançarmos um pouco mais as possibilidades de segmentação, pelo menos do ponto de vista da espacialidade e da temporalidade

Assim, este relato nos apresenta também um tranj curso explícito no eixo da verticalidade onde a oposição/superatividade/vs/interatividade/ investe respectivamente as duas primeiras e as duas últimas estrofes, fundando uma segmentação de ordem espacial. As marcas principais estão centradas nas expressões "morro" e "lá em cima" na manifestação da /superatividade/ e nas expressões "descendo" e "cidade" (esta em oposição espacial a "morro") na manifestação da /inferatividade/

Por fim, a segmentação mais minuciosa, e coincidente com o recorte natural já apresentado pelo texto, fica por conta da temporalidade- Tudo se processa numa anterior idade com relação ao ponto de vista estabelecido pelo áctante-observador. Isso nos permite considerar, no mínimo, quatro anterioridades contendo durações explícitas ou pressupostas, delimitadas por semas aspectuais de pontualidade (1)

13 anterior idade:

"Conceição

Vivia no morro a sonhar

Com coisas que o morro não tem "

A primeira anterior idade compreende uma duração contínua, sem incoatividade definida, mas com um ponto de terminatividade marcado pela suspensão da ordem estabelecida que desencadeia uma segunda anterioridade

(1) Estamos falando evidentemente do texto enuncivo, onde a sucessão temporal se refere ao percurso do sujeito do /fazer/, mas a referência para a avaliação deste percurso é o ponto de vista do narrador

2^a anterioridade:

x "Foientão
 Que lá em cima apareceu
 Alguém que lhe disse a sorrir
 Que, descendo à cidade, ela iria subir "

A s'egunda anterioridade, que abriga o centro da prova qualificante, funciona como um pivô articulando a interrupção do segmento anterior com o desencadeamento da ação principal contida no trecho sub-seqüente A duratividade deste segmento corresponde à sobre-modalização que veremos adiante

3^a anterioridade:

"Se subiu
 Ninguém sabe, ninguém viu
 Pois hoje o seu nome mudou
 E estranhos caminhos pisou "

A terceira anterioridade assinala um pontual terminativo pressupondo uma ação que já foi concluída Este trecho corresponde à prova decisiva do sujeito do /fazer/ e sua duratividade vem marcada catafórica e anaforicamente pelos segmentos anterior e posterior: "descendo à cidade" e "tentando a subida"

M anterioridade :

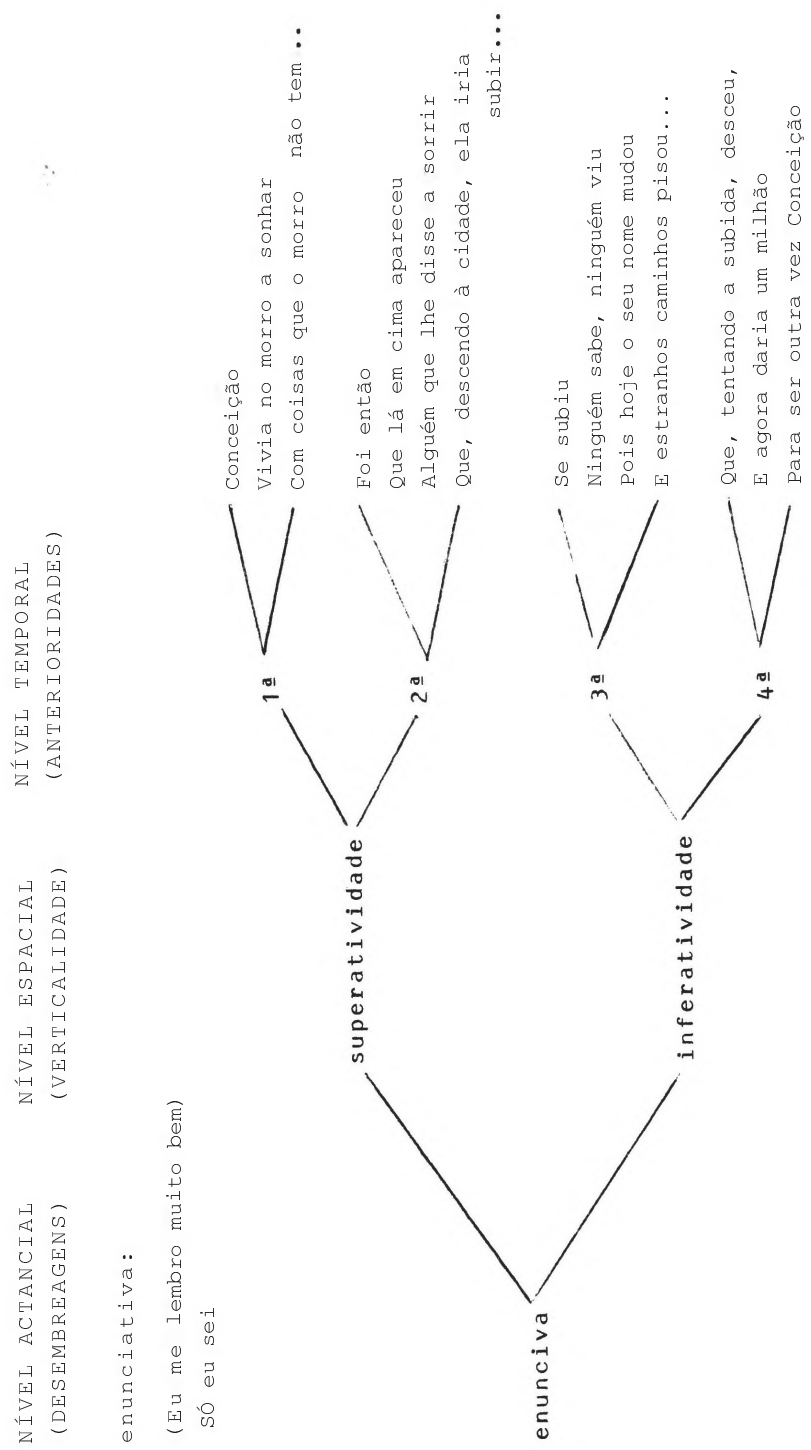
Que, tentando a subida, desceu
 E agora daria um milhão
 Para ser outra vez Conceição"

Finalmente, esta última etapa, que por definição também pode ser considerada uma quarta anterioridade em

função do ponto de vista do observador, apresenta, ao contrário das outras, uma visão prospectiva dentro de um simulacro de presente contínuo. A marca "agora" acusa uma desembreagem enunciativa temporal que resgata o texto de sua dimensão eminentemente enunciativa para um plano de enunciação integrando-o aos dois versos em primeira pessoa que foram separados na primeira grande segmentação. O tempo enunciativo coincide, então, com o tempo enunciativo ^(2). No entanto, o tempo do sujeito do fazer perpassa o foco de observação e se projeta num PN virtual (contendo apenas o /querer/) de retorno ao estado inicial, cuja realização já vem impedida pela irreversibilidade do próprio tempo histórico.

Este segmento contém um ponto de terminatividade da ação do trecho anterior, "tentando a subida, desceu", que pode ser entendido como prova glorificante, uma incoatividade, a partir do mesmo ponto, desencadeando a sanção propriamente dita e uma nova duratividade comportando um 'continuum' que vai do passado ao futuro passando pelo presente e sem ponto de terminatividade.

(2) A desembreagem enunciativa temporal, responsável por um fenômeno de re-embreagem ao plano enunciativo, abre, aqui, algumas ambigüidades quanto a uma possível proximidade entre o espaço presente de enunciação e o espaço presente (ou estado atual) do sujeito do /fazer/. Do mesmo modo, provoca um efeito de maior intimização entre o actante observador e o actante sujeito narrativo.



2 ISOTOPIA PARADIGMÁTICA

A instauração do actante-observador através da desembreagem enunciativa funciona não apenas como um fio condutor processualizando as transformações dos PNs, mas também como elemento de integração entre o texto e uma determinada axiologia subjacente.

A existência paradigmática dos valores, marcada tipicamente pelas categorias proprioceptivas /euforia/vs/díforia/, corresponde a uma classificação profunda, axiológica, dos valores coletivos que surgem na forma de objetos desejáveis (ou não desejáveis) e objetos devidos (ou não devidos) para uma comunidade-

As informações à respeito do plano axiológico, entretanto, só podem ser fornecidas pelos recursos de construção do próprio texto, o que, de resto, ocorre com todas as informações pertinentes do ponto de vista semiótico. Em outros termos, os mecanismos de atração e repulsa apresentados pelo texto nas relações de sujeito e objeto nos permitem reconstituir aspectos de uma possível taxinomia axiológica imanente. O caminho razoável nos parece o da avaliação das ideologias contidas no relato, pois a "busca permanente dos valores" (*Dictionnaire*, 179) empreendida pelos actantes-sujeitos são indicativos, até certo ponto seguros, do modo de existência dos valores profundos e de seu investimento típico. O actante-observador, aqui também narrador, ao instalar o sujeito do /fazer/ numa narrativa do fracasso, instala, simultaneamente, um percurso (ou um estado) eventual do êxito que se caracteriza pela negação dos elementos da narrativa relatada: se preservado o /fazer/ narrativo, então, necessariamente, haveria mudança do objeto de valor ou, pelo me-

nos, do valor do objeto; outra alternativa virtual seria a própria suspensão do /fazer/ preservando o estado ou o /ser/ do sujeito. De qualquer modo, o percurso do fracasso explícito e o percurso do êxito implícito conectam o texto a uma axiologia cujos valores estão marcados eufóricamente e disfóricamente.

Pode-se constatar ainda, neste nível profundo, a articulação de categorias muito gerais, já proposta como hipótese pela semiótica da cultura (a partir das pesquisas de Lévi-Strauss) constituintes do universo semântico coletivo, a saber, a oposição entre /natureza/ ("morro") e /cultura/ ("cidade") que o texto aqui, através do ponto de vista do actante observador, se encarrega de vincular respectivamente a /euforia/ e /disforia/.

Assim como as desembreagens actanciais de enunciação estabelecem as relações entre o desenrolar enunciativo e o plano axiológico subjacente, a dimensão espacial oferece uma base tópica para o exercício da narratividade 'stricto sensu'. Com efeito, neste relato, o eixo da verticalidade funciona como um 'continuum' teórico, da superatividade à inferatividade, em cujo transcorrer se verifica o progresso narrativo. Também marcado tematicamente, podemos dizer que, em nível espacial, a /superatividade/ topicaliza a /natureza/ segundo o denominador comum /euforia/ assim como /inferatividade/ topicaliza /cultura/ de acordo com o traço ./disforia/.

Do ponto de vista temporal, as anterioridades, já comentadas atrás, vão se desvalorizando tematicamente na proporção em que se afastam do ponto de origem e vão se comprometendo com a irreversibilidade cronológica assentada pe-

la processualização discursiva

De início, portanto, já podemos vislumbrar uma isotopia abstrata, de natureza paradigmática, inter-ligando uma dimensão axiológica a uma dimensão espacial e a uma dimensão temporal sobre a base da categoria tímica /euforia/, reunindo os três núcleos sêmicos: /natureza/, /superatividade/ e /incoatividade/ em oposição aos termos contraditórios /não natureza/, /não superatividade/ e /não incoatividade/. Não seria correto definir a oposição por contrariedade, /cultura/, /inferatividade/ e /terminatividade/ porque o texto apresenta, com certa nitidez, um percurso de passagem de um ponto a outro e desde que o estado inicial é abandonado já se cancela o investimento tímico da categoria /euforia/, mesmo que o ponto de chegada permaneça indeterminado

³ PRIMEIRO SEGMENTO

"Conceição ()
Vivia no morro a sonhar
Com coisas que o morro não tem"

O predicado "vivia no morro" revela um estado de conjunção entre o sujeito e um topônimo, conjunção esta que pode ser especificada pela inclusão do actante-sujeito num espaço continente. No entanto, o verso seguinte, "coisas que o morro não tem" oferece a oposição necessária à expansão do lexema "morro", do segundo verso, em torno da seguinte forma: ~vivia com coisas que o morro tem e aí, então, percebermos com maior clareza a relação de conjunção do sujeito com valores pertencentes ao "morro"

(3) As expressões entre colchetes referem-se a construções descritivas.

Quando verificamos o verso integral, "vivia no moço a sonhar", somos levados a constatar, ao lado da conjunção pragmática, de natureza somática, entre o actante e os objetos (descritivos ou modais) existentes no "morro", um desengate cognitivo marcado pela expressão "sonhar" que reporta para o plano imaginário um estado narrativo simultâneo e, todavia, oposto ao estado narrativo pragmático:

Esquematisando :

A) Dimensão pragmática: "vivia no morro"

Sf10 fcoisas que o morro temj

SUO [coisas que morro não tem]]

Enquanto termo contraditório, a expressão "coisas que o morro não tem" (^sj) demarca um ponto a meio caminho da trajetória contínua que vai de um polo a outro do quadrado semiótico: $s^{\wedge} -^{\wedge} \bar{s}^{\wedge} \rightarrow s^{\wedge}$ Este simples afastamento do polo inicial da deixis positiva é suficiente para se verificar um deslocamento do espaço cognitivo por relação ao espaço pragmático ocupado pelo sujeito de estado, mesmo que o polo final da deixis negativa ainda não tenha sido denominado. A separação dos espaços, cognitivo e pragmático, corresponderá, no transcorrer do relato, ao desencontro de PNs equacionados a princípio em função do mesmo objeto de valor. Voltaremos a isso nos próximos itens.

A configuração narrativa deste primeiro trecho ainda pode ser enriquecida se examinamos um pouco a região sêmica recortada pelo verbo "sonhar" no contexto em que está inserido.

Além do sema /entregar-se a fantasias e devaneios/ que, até certo ponto, deu conta do deslocamento espa-

cial comentado acima, outros semas, que nos poderiam ser fornecidos pelo dicionário⁽⁴⁾, igualmente presentes no contexto discursivo, como /pensar com insistência/, /ter a idéia fixa/, ou ainda, /desejar com veemência/ revelam o investimento de uma modalidade virtual qualificando a competência do sujeito e antevendo, por isso, a possibilidade de um /fazer/ narrativo Trata-se, evidentemente, da modalidade do/querer/

Em plano discursivo, convém apenas esboçarmos os percursos isotópicos que se conformarão com nitidez no decifrar dos próximos segmentos O onomástico "Conceição" traz uma figura sêmica nuclear muito carregada semanticamente pela raiz etimológica, ¹conceptione, designando /concepção da virgem Maria/, que instaura de chofre uma isotopia moral-religiosa, responsável por uma seleção preliminar dos semas que configuram a noção de "morro" (o outro lexema chave deste primeiro segmento) Assim sendo, os traços de divindade contidos na definição de "Conceição" podem destacar em "morro" os semas decorrentes do núcleo /superatividade/, como, por exemplo, /elevação/ ou /altura/, que caracterizam este topónimo como /região celeste/ Do mesmo modo, a idéia de concepção sem contato físico que define "Conceição" ressoa em "morro" como um espaço delimitado e até mesmo fechado à penetração de elementos externos (vimos, no plano narrativo, que a transposição deste espaço só era possível em outra dimensão, a cognitiva); e o termo contraditório, "coisas que o morro não tem", confirma a delimitação do espaço, acrescentando que fora dali as coisas são desconhecidas e estranhas-

(4) FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**, 1^a ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.

tanto que nem se revela, neste primeiro segmento, que lugar é e[^]te, fora do "morro", e que coisas teria Sabemos apenas, pela negativa, que não se trata do "morro" e que não possui os mesmos valores -

Se aprofundarmos um pouco a reflexão, podemos compreender que este desconhecimento recai menos sobre as "coisas" em si, até porque elas podem ser sonhadas, mas principalmente sobre a origem dessas "coisas"; a que valores ou mesmo a que axiologia elas se prendem? No "morro", por oposição, as coisas são conhecidas e os valores identificáveis. Essas noções implícitas têm um retorno sobre o onomástico "conceição", onde a simples manifestação do nome próprio traz um sema de /identidade/ determinada e a expansão etimológica de seu sentido desvela a /invulnerabilidade/ das pessoas do "morro" e, ao mesmo tempo, o conhecimento dos seus valores de origem: a moral cristã

Além de tudo isso, a cultura brasileira tem no "morro" um centro de habitação em forma de favela. Este traço contextualizando-se com aqueles levantados em "Conceição" como /invulnerabilidade/ e /identidade/ atualizam, na macroisotopia religiosa, os valores /simplicidade/ e /dignidade/

Finalizando este item, podemos ver tudo isso como um desdobramento em instâncias de superfície dos semantismos universais formulados, como hipótese, pela semiótica. Assim, no universo semântico individual está patente a presença do termo /vida/ no sema nuclear do onomástico "Conceição" - ¹conceptione - e, no universo semântico coletivo, a presença do elemento /natureza/ contida e justificada em "morro" não apenas por sua configuração não urbana ou sub-urbana dada pela visão brasileira, como também pela sua etimo-

logia /montão de seixos/^\ ou /fragmentos de rocha/ que in-
troduzem na esfera sêmica de "morro" um vínculo com o uni-
verso mineral

**** SEGUNDO SEGMENTO**

"Foi e n t-ã o
Que lá em cima apareceu
Alguém que lhe disse a sorrir
Que descendo à cidade ela iria subir"

Retomando as relações entre o espaço e os progra-
mas narrativos, verificamos que, neste segundo segmento, no
espaço pragmático, onde o sujeito está de posse de seus valo-
res, surge a função actancial reservada ao anti-sujeito, ou
seja, aquela que visa retirar o objeto do alcance do sujeito
Como se trata, neste caso, de um sujeito de estado em con-
trato de conjunção com seus objetos, o papel do anti-sujeito
é retirá-lo desta condição fazendo-o perder seus objetos e
rompendo, com isso, a ordem e o contrato estabelecidos Este
anti-sujeito, cuja aparição se dá em instância pragmática -
"apareceu" significa tornar-se visível -, tem como objetivo
disjuntar o sujeito "Conceição" de seus valores e conduzi-
lo somaticamente para outro espaço com outros valores prag-
máticos Ou seja, o anti-sujeito funciona como portador de
outros valores referentes a um outro espaço "cidade", o que
funda, do ponto de vista descritivo a última categoria neces-
sária à complementação do percurso no quadrado semiótico

Entretanto, já observamos no segmento anterior,
o espaço que contém uma possibilidade narrativa, virtualiza-

(5) GUÉRIOS, R.F. Mansur- **Dicionário de etimologias da Língua Portuguesa.**
São Paulo, Nacional, 1979.

da pelo /querer/ do actante-sujeito, é o espaço cognitivo onde um simples preenchimento de competência com modalidades atualizantes já pode desencadear um processo narrativo. Inevitável, então, o desdobramento da função actancial: o ator discursivo "Alguém" mantém sua função actancial de anti-sujeito no PN pragmático situado em espaço também pragmático e acumula a função de destinador manipulador do sujeito destinatário na instância cognitiva, uma vez que colabora com o sujeito comunicando-lhe os objetos necessários a sua plena aquisição de competência. Esta manipulação se traduzirá também em sua forma cognitiva (/fazer crer/) e a descrição mais analítica deste tipo de sobremodalização pode ser representada pelo modelo do destinador segundo o /saber/ (em nosso 'corpus' poderia ser representado como um /saber/ do destinador sobre o /querer/ do sujeito-destinatário) que persuade o destinatário em virtude dos julgamentos, no caso positivos, à respeito da competência do destinatário. Se investirmos figurativamente este mecanismo de sobremodalização estaremos, talvez, mais próximos à **sedução** (a marca discursiva "a sorrir" corrobora esta hipótese).

CJá que a manipulação cognitiva aparece aqui apenas como um estágio pressuposto pela manipulação pragmática (cuja conversão em discurso, aliás, sugere uma temporalidade única para os dois processos), em que o /fazer crer/ se transforma em /fazer fazer/, podemos considerar, ainda neste segmento, um retorno à instância pragmática como consequência direta da consumação do processo de manipulação cognitiva. Temos de volta, então, sujeito e anti-sujeito num conflito narrativo não polêmico, ou seja, correndo numa só direção, pois que o antissujeito exerce uma tensão de supressão do ob _

-101-

jeto (ou objetos) e doà valores que definem o sujeito enquanto tal, de modo que, imediatamente, este actante deva corrigir sua posição de sujeito em função de outro objeto e outros valores.

Tudo conduz a uma performance pragmática de locomoção somática do sujeito "Conceição" no eixo da verticalidade até atingir a inferatividade. Do ponto de vista do actante-sujeito, este PN, "descer à cidade" é apenas um programa de uso ou auxiliar de um programa principal que ainda corre numa instância cognitiva, qual seja, "subir" (podemos definir este termo' como a ^aquisição de valores modaisj necessária para elevar a imagem social da competência). Do ponto de vista do anti-sujeito, o PN da "descida à cidade" proposto para o sujeito se transforma em objeto de seu (do anti-sujeito) PN. Não fica claro se este último programa é de uso ou de base

Em suma, de um ponto de vista pragmático, o actante sujeito ("Conceição"), que no primeiro segmento estava em conjunção com os valores do "morro", se transforma neste segmento em sujeito de uma performance somática que tem como objeto a transferência para um outro espaço - a "cidade" - Intercalando-se àquele estado do primeiro segmento e a este processo relatado no segundo, o mesmo actante-sujeito, sob um enfoque cognitivo, esteve em conjunção com o que podemos chamar de "não morro" (ou "coisas que o morro não tem") e agora surge posicionado frente a um novo objeto, "subir", que pressupõe um PN específico.

Temos assim as etapas narrativas:

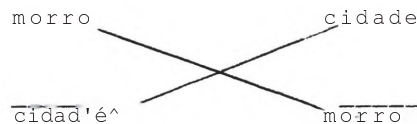
- A) SHo (morro) de um ponto de vista pragmático
- B) SU 0 (morro) de um ponto de vista cognitivo

- C) $S \rightarrow 0$ (cidade) de um ponto de vista pragmático
 x D) $S \rightarrow 0$ (subir) de um ponto de vista cognitivo

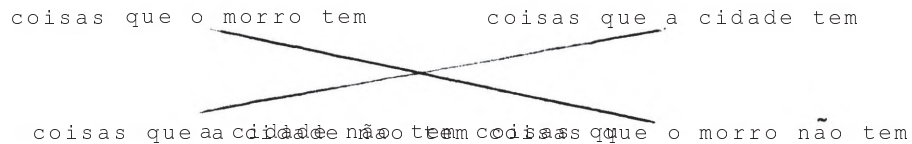
Quando nos voltamos ao plano discursivo podemos verificar todas as complementações dos percursos esboçados no primeiro segmento.

Além dos contraditórios "morro" e "não morro", encontramos nesta etapa, o investimento dos respectivos contrários: "cidade" e "não cidade" (também contraditórios entre si)

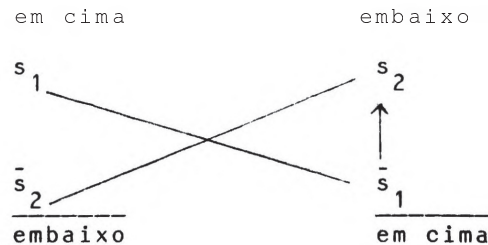
O quadrado, então, se completa com os termos:



ou com suas expansões:



que representam investimentos sobre as categorias espaciais de superatividade articulando as dimensões cognitivas e pragmáticas:



onde s^+ e s^- definem os estados pragmáticos, \bar{s}^+ e \bar{s}^- os esta

dos cognitivos e a seta a transformação de um estado cognitivo (\bar{s}^{\wedge}) em estado pragmático (s_2)

Os termos deste quadrado devem ser lidos, para manter a coerência, do ponto de vista do sujeito do /ser/ ou /fazer/: "Conceição"; portanto, proporíamos sua tradução da seguinte maneira: quando o sujeito está /em cima/ ou no "morro" em dimensão pragmática, este mesmo sujeito não está "em cima" (ou /não morro/) em dimensão cognitiva. Do mesmo modo, quando o sujeito visa "descer" à "cidade" ou permanecer /embaixo/ em dimensão pragmática, em dimensão cognitiva, ele visa "subir", isto é, não ficar /embaixo/ e isto equivale a dizer, como já assinalamos, que ir à cidade constitui apenas um PN de uso (embora seja o único PN efetivamente realizado no relato). Os termos contraditórios funcionam, pois, como se fossem a contrapartida cognitiva presente em todo estado pragmático da narrativa. Estas duas faces da mesma moeda permitem as freqüentes oposições discursivas do tipo "**descendo** à cidade, ela iria **subir**" as quais, se fossem lidas na mesma dimensão, acusariam incoerência.

Outra questão discursiva diz respeito aos níveis, atorial e espacial, que podem ser avaliados em comparação com o que já levantamos para o primeiro segmento.

Sem dúvida, as categorias centrais ficam por conta do ator "alguém" e do topônimo "cidade".

Por menos que se caracterize esse ator, sua posição sintática espacial vem, até certo ponto, determinada pela expressão "lá em cima apareceu". Pode-se dizer que, embora guardando ambigüidade, podemos configurar para este discurso, no máximo, três espaços: o do "morro", o da "cidade" e o espaço de enunciação. Se este "Alguém" surgiu "lá em ci-

ma" é porque, anteriormente, não pertencia àquele espaço (lqmbre-se que se tratava de um espaço circunscrito, fechado e conhecido) Se, por outro lado, este ator recebe tratamento em terceira pessoa não pode participar da instância de enunciação. Resta-lhe, portanto, o espaço da "cidade" ainda que o texto não se refira a isto explicitamente A ambigüidade está na possibilidade de síncrese entre o espaço de enunciação e o espaço da "cidade", pois só se fala em "lá em cima" e nunca em "lá embaixo"

Ao contrário de "Conceição", "Alguém" ocupa um 'topos' referente a um onomástico sem, contudo, nomeá-lo É a caracterização patente da ausência de /identidade/ ou da desimportância desta Assim também a proveniência deste "Alguém" permanece sonhada pela narração Sabe-se apenas que não fazia parte do universo superativo onde se delimita a região escolhida para o exercício da /pureza/ e /invulnerabilidade/ Tal proveniência pode, então, ser definida como prt) fana no sentido etimológico do termo: fpara além da muralha consagrada¹ (6) e seu desempenho, a partir da aparição, pode ser caracterizado como /invasivo/ e /intervencionista/ pois interfere (daí a posição actancial de anti-sujeito) na ordem estabelecida causando sua ruptura

Na mesma linha pode ser lida a configuração àêmica do topónimo "cidade" A correlação deste espaço com o ator "Alguém" não se dá apenas por eliminação dos espaços possíveis, conforme vimos acima, mas, sobretudo, por uma nítida compatibilização sêmica

(6) MACHADO, Oosé Pedro. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**, 2ª edição, Lisboa, Confluência, 1967-

Em primeiro lugar, os traços de /inferatividade/ explicitamente atribuídos à "cidade" na expressão "descendo à cidade" contrapõem-se aos traços de /superatividade/ contidos em "morro" principalmente quando este topónimo, constituindo isotopia com "Conceição", adquire semas de /divindade/ tornando-se um espaço celeste. Como resultado temos que a configuração de "cidade" acaba girando em torno não apenas de um espaço profano (não sagrado), o que já lhe traz correlação imediata com o ator "Alguém", mas também acrescenta a noção de /espaço satânico/ que vem reforçar definitivamente a macro-isotopia religiosa (a oposição céu/inferno corre no eixo da verticalidade). Evidentemente, o retorno dos semas de "cidade" sobre os semas definidores de "Alguém", intensificado pela marca "apareceu", sugere a proposição figurativa do demônio investindo a categoria narrativa do antisujeito.

O desconhecimento da identidade do ator parece se estender a todas as coisas pertencentes à "cidade" ou, em última instância, a todas as coisas não pertencentes ao "morro". A expressão "coisas que o morro não tem" reflete o desconhecimento de tudo aquilo que transcende o espaço circunscrito, bem como a complexidade incontável (já que sua denominação positiva é apenas sugerida pela negativa do que já se conhece) dos fatos que surgem a partir desta transcendência.

Resta lembrarmos que, de acordo com o universo semântico coletivo, "cidade" é o investimento mais eloquente da categoria /cultura/ e que, no universo semântico individual, todos os percursos que aqui se afastam do onomástico "Conceição" e do topónimo "morro" representam a degeneração

da /vida/, isto é, a /não vida/ e não propriamente a /morte/ cujov termo não vem proposto pelo texto

Podemos, por ora, antever as regiões sêmicas que compõem o paradigma isotópico desse texto, perante o qual se processam as mudanças de estado e os investimentos responsáveis pelo sentido.

Até o momento verificamos que este discurso lança mão de um modelo espacial percorrendo o eixo da verticalidade com investimentos tímicos axiológicos onde a /superatividade/ vem marcada euforicamente enquanto a inferatividade recebe a marca disfórica Vimos, então, reiterar a hipótese do universo semântico coletivo através de /natureza/ associada à superatividade e /cultura/ ligada à inferatividade Do ponto de vista do universo semântico individual, /vida/ e seu contraditório /não vida/ também comparecem preenchendo respectivamente os dois pontos do eixo

A partir deste quadro, duas isotopias básicas se opuseram na configuração de dois núcleos preenchidos, cada um, por uma categoria atorial e uma categoria topológica. Assim sendo, tivemos para a manifestação dos elementos "Conceição" e "morro", do primeiro segmento, a seguinte relação sêmica asseguradora da isotopia: /identidade/, /invulnerabilidade/, /simplicidade/, /familiaridade/ e /divindade/ que se contrapõem e se definem pela correlação contraída com os semas responsáveis pela isotopia entre "Alguém" e "cidade" do segundo segmento: /anonimato/, /devassamento/, /complexidade/, /excentricidade/ e /profanação/ Donde a última oposição /divindade/vs/profanação/ serve para conectar o relato

numa macro-isotopia religiosa (7)

5 TERCEIRO SEGMENTO

"Se subiu
Ninguém sabe, ninguém viu
Pois hoje o seu nome mudou
E estranhos caminhos pisou"

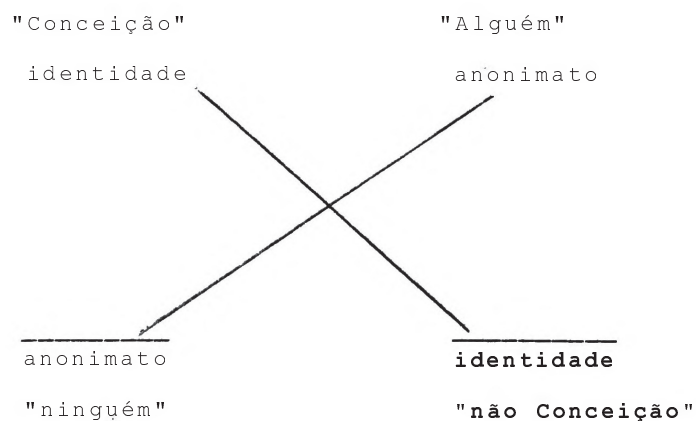
"Se subiu" pressupõe a execução do primeiro PN, "descer à cidade", que, por sua vez, funciona como objeto do PN do anti-sujeito, conforme dizíamos na pg 101. Esta posição sintáctica faz com que o anti-sujeito detectado no segundo segmento, apareça aqui na função de anti-destinador responsável pelo PN pragmático exercido por "Conceição". Com efeito, a cisão entre dimensão cognitiva e dimensão pragmática prossegue com o mesmo ator, "Conceição", desempenhando funções actanciais opostas: cognitivamente, "Conceição" é sujeito do PN "subir"; pragmaticamente, "Conceição" passa a ser anti-sujeito, ou seja, executa PNs que impedem que o sujeito consiga "subir", ou ainda passa a ser sujeito que se define pelo objeto "descer", o que vem a ser a mesma coisa.

Em outras palavras, os PNs pressupostos pela "mudança de nome" e pela passagem por "caminhos estranhos" correram em direcção oposta àquela definida como percurso principal do sujeito cognitivo. Uma vez que esses anti-PNs (assim devem ser denominados) foram bem sucedidos, conseqüentemente o PN do sujeito fracassa. Naturalmente todas essas articulações supõem a sobre-modalização de um anti-destinador que,

(7) Outras macro-isotopias poderiam ser lembradas neste trabalho: a sócio-económica, a sexual, etc. Preferimos, entretanto, mencionar apenas a macro-isotopia amoral-religiosa por nos parecer mais expressiva.

nesta condição, instrui negativamente a competência do sujeito sonegando-lhe as modalidades atualizantes, /poder/ e /saber/ que o levariam, certamente, à realização. Ao contrário, tais modalidades são oferecidas (provavelmente pelos mecanismos de manipulação) para que o sujeito realize percursos inversos (portanto de anti-sujeito) servindo unicamente a um /querer/ (cuja natureza não é explicitada) do anti-des-tinador

Do ponto de vista discursivo, a passagem transformadora da dimensão pragmática significa um cancelamento sêmico completo dos traços ligados à /superatividade/: a /invulnerabilidade/ se converte em /devassamento/ ou até /devassição/ num enfoque mais figurativo; /simplicidade/ se transforma em /complexidade/ ("Ninguém sabe, ninguém viu"); /familiaridade/ em /excentricidade/ ("Estranhos caminhos pisou"); e /identidade/, este traço que demarca o centro sêmico do relato se transforma também em /não identidade/ ("Pois hoje o seu nome mudou") deslocando irreversivelmente o estado narrativo para o polo de inferatividade:



6 QUARTO SEGMENTO:

" tentando a subida, desceu,
E agora daria um milhão
Para ser outra vez Conceição"

Ao mesmo tempo que temos um desfecho favorecendo o a n t i - s u j e i t o_ em dimensão pragmática, cognitivamente o sujeito prossegue sua busca, desta feita não apenas munido da virtualidade do /querer/ mas também com a conquista de um /saber/ adquirido a partir da eliminação dos mal sucedidos PNs anteriores, se posicionando, entretanto, frente a um objeto cuja aquisição dependeria de uma reversibilidade temporal (e moral do ponto de vista cognitivo) Isto significa que a competência do sujeito ainda carece de uma modalidade, a do /poder/, e esta lhe é vetada na forma de sanção negativa em consequência de seu fracasso narrativo.

O estado de irreversibilidade em que se encontra o sujeito e sua impotência por relação ao objeto, somente agora revelado com um /saber/ inequívoco, só pode ser produto de uma instância transcendente, onde o destinador julgador exerce uma onipotência e uma autoridade de julgamento que dispensam justificativa Em outros termos, tal sanção parece advir de um universo semântico coletivo que assegura um fundo epistemológico para que este relato específico (como tal, ideológico) não apresente controvérsias ou relações polêmicas quanto aos princípios adotados pelo ponto de vista da narração.

Assim, em sua dupla desembreagem actancial, o ator "Conceição" encerra sua trajetória em posição contrária à inicial: em nível somático ou pragmático, permanece /embaixo/ (cf pg 103); em nível cognitivo, seu estado é /não

embaixo/ - ou seja, não se identifica com os valores de /em-baixo/; troca-os de boa vontade pelos valores de /em cima/ ("daria um milhão para ser outra vez Conceição") - essa disposição final do ator no quadrado semiótico, que se reitera em todos os quadrados exemplificados até aqui, é a responsável pelo efeito de sentido **contradição** que nos passa a **figura** de "Conceição"

A presença, neste último segmento, da marca temporal "agora" contribui para o engate do texto à situação de enunciação e, conseqüentemente, para a exibição da ideologia que sustenta a narração e a sanção aplicada nesta última fase. Sim, pois as desembreagens enunciativas ("Eu me lembro muito bem" e "SÓ eu sei"), introduzindo a participação do observador-narrador - identificados com o enunciador - nos convidam a uma retro-leitura sob o enfoque deste actante de enunciação, a partir da qual podemos estabelecer algumas conclusões:

A) A sanção aqui é transmitida pelo /saber/ cúmplice do narrador ("SÓ eu sei") Em outras palavras, algo, nesta enunciação, foi considerado /verdadeiro/ para que o percurso do sujeito, e este próprio enquanto /ser/, pudessem ser avaliados e julgados pela função de destinador implícita. Assim podemos entender, nos termos do quadrado semiótico articulando as modalidades veridictórias, a trajetória tão clara do sujeito do /fazer/ que, de início, vive e age segundo o /segredo/ (ser e não parecer) [já estava em cima mas não parecia], e, posteriormente passa à condição de sujeito segundo a /mentira/ (parecer e não ser) [embaixo parecia ser melhor mas não era]; a descoberta da /verdade/ (ser e parecer) reflete apenas uma aquisição cognitiva sem solu-

ção pragmática

B) A /verdade/, reveladora da ideologia enunciativa deste texto, foi habilmente distribuída pelas diversas fases do relato através de uma secreta correlação de isomorfia*entre dimensão cognitiva e dimensão pragmática Ou seja, aquilo que está "em cima" de um ponto de vista físico-espacial corresponde à superatividade moral ou cognitiva Portanto, o deslocamento somático de descida corresponde necessariamente a uma degeneração cognitiva.

C) Acoplados a essa visão da espacialidade estão os mecanismos de processualização temporal introduzidos em discurso. A /verdade/, bem como os semantismos profundos apontados pelos semas /natureza/, /vida/, /superatividade/ e o traço tímico /euforia/, pertencem à origem ou /incoatividade/ Todas as ocorrências posteriores adquirem a forma do tempo e se convertem em /irreversibilidade/ Não esqueçamos que, de um ponto de vista lógico, nada impede que a sucessão >dos PNs desemboque no estado inicial ou no ponto de partida Entretanto, as etapas narrativas assumem aqui uma feição cronológica inviabilizando o retorno do processo 0 que seria apenas um investimento discursivo passa a ser determinante na condução dos PNs

D) O atrelamento das considerações cognitivas-morais ao eixo da espacialidade que se projeta no mundo natural como fazendo parte do senso comum e a supervalorização dos traços indicativos de origem ou /incoatividade/ atestam um certo equilíbrio lógico-moral atribuído a tudo que constitui isomorfia com as dimensões naturais e primordiais do universo humano: a espacialidade e a temporalidade. Isso

tudo concorre para a caracterização de um "naturalismo" ideológico que pode ser sintetizado na seguinte proposição eufórica: [preservação das coisas no estado em que se apresentam originalmente!]

Luiz Tatit

Curso de Pós-Graduação em Linguística
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo.